

**RAIJA MARIA VANDERLEI DE ALMEIDA**

raijaalmeida@gmail.com

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

## **COMUNICAÇÃO NOS ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO FORMAL**

### **RESUMO**

Este artigo tem como tema as experiências obtidas na disciplina Comunicação nos Espaços de Educação Formal, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande, que tem uma linha de formação em Educomunicação, um novo campo de atuação na sociedade contemporânea, criando uma interface entre comunicação e educação. O curso tem uma formação humanística consolidada e, logo, condições de realizar uma leitura crítica dos sistemas de comunicação e dos processos de mediação social. Esta disciplina é oferecida no início da graduação e visa o planejamento e elaboração de estratégias de integração dos meios de comunicação, com as múltiplas linguagens e suas tecnologias, no cotidiano e no espaço escolar, bem como o assessoramento a professores, organização de acervo, desenvolvimento de e organização de infra-estrutura para mediações. A disciplina tem como objetivos: mapear e criar práticas educomunicativas em ambientes educativos que lidam com a educação formal; explorar o potencial das tecnologias e da comunicação na aprendizagem; planejar e elaborar estratégias de integração dos meios de comunicação; mapear as práticas educomunicativas. O seu conteúdo programático está distribuído em três unidades. Na primeira unidade os alunos têm um contato com os novos modos de conhecer a linguagem audiovisual no contexto escolar. Da mesma forma acontece com as linguagens radiofônicas, jogos, Internet e educação a distância nos dois módulos seguintes. No final de cada unidade eles fazem uma atividade de campo em escolas de educação formal, mapeando as práticas educomunicativas e assessorando professores no planejamento e elaboração de estratégias de integração dos meios de comunicação na escola que envolvam a linguagem audiovisual. Ao final os alunos obtêm uma experiência intensa na relação entre a teoria e a práxis, vivenciando algumas das muitas possibilidades da educomunicação e da literacia midiática.

### **PALAVRAS-CHAVE**

Literacia midiática; educomunicação; educação formal; tecnologias da informação e comunicação; linguagem midiática

---

## INTRODUÇÃO

Sem dúvida, a socialização dos indivíduos passa, hoje, majoritariamente, pela comunicação e a educação, principal lugar de construção das identidades nas sociedades pós-industriais. É dentro deste contexto, desta nova sociedade com novas características, novo modo de produção, novos modos de produzir e difundir a informação, onde a comunicação se configura como a principal fonte de entretenimento e de conhecimento, que o tema deste artigo se encontra.

Neste artigo vamos analisar das experiências obtidas na disciplina Comunicação nos Espaços de Educação Formal, do Curso de Comunicação Social da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no interior do Nordeste do Brasil. A graduação tem uma linha de formação em Educomunicação<sup>1</sup>, um novo campo de atuação na sociedade contemporânea, criando uma interface entre comunicação e educação, com uma formação humanística consolidada e, logo, com condições de realizar uma leitura crítica dos sistemas de comunicação e dos processos de mediação social.

Vale salientar o fato de que este curso é a primeira graduação do país com linha de formação em Educomunicação, seguido cronologicamente da graduação da Universidade de São Paulo (USP), com as diferenças de que o curso da UFCG é um Bacharelado e o curso da USP uma Licenciatura. Mas ambos têm as pesquisas do Núcleo de Comunicação e Educação (NCE) da USP como base da sua criação.

Esta disciplina é oferecida nos primeiros períodos, dos cursos diurno e noturno, e visa o planejamento e elaboração de estratégias de integração dos meios de comunicação, com as múltiplas linguagens e suas tecnologias, no cotidiano e no espaço escolar, bem como o assessoramento a professores, organização de acervo, desenvolvimento de e organização de infra-estrutura para mediações.

## SOBRE O CURSO

O curso de Comunicação Social da UFCG é um bacharelado que tem uma linha de formação em Educomunicação, foi criado em 2010 e tem hoje cerca de 300 alunos. Trata-se de uma proposta político pedagógica de caráter inovador, que atende às demandas de uma área nova de atuação profissional voltada à formação de gestor de processos comunicacionais dentro da convergência dos campos educação/comunicação.

<sup>1</sup> Educomunicação é a nomenclatura mais usada na América Latina.

Temos como objetivo formar um profissional com capacidade crítica enquanto agente de transformação social, compromisso ético em sua atividade profissional, perspectiva acadêmico-científica da realidade e com capacidade empreendedora para buscar novos campos de atuação. Buscamos também despertar o desenvolvimento de visão empreendedora no desempenho profissional, incentivar a integração e a inserção nas comunidades locais e regionais, com compromisso no desenvolvimento da cidadania, bem como lidar com a realidade do uso das tecnologias em sala de aula e/ou à distância e produzir mídias educativas. Nossos alunos são preparados para planejar e realizar a gestão de projetos educativos e culturais em contextos de educação formal ou não formal, instituições públicas e/ou privadas e atuar diante da crescente ampliação de canais estatais, comunitários, e educativos de rádio e televisão e novas mídias.

No espaço da educação formal (comunicação educativa no espaço escolar, como metodologia de gestão ou de produção) reconhecemos que, ambas as abordagens — a educativa e a comunicativa — se tornam indissociáveis quando abandonamos a ortodoxia conceitual presente em um e outro campo, assumindo o caráter inter-relacional das ações educomunicativas como preocupação maior de criar, ampliar, consolidar e flexibilizar canais de comunicação multidirecionais e polifônicos no contexto dos ambientes em que acontece o processo educativo.

## **OBJETIVOS**

Pretendemos analisar a relação da mídia na educação e seus impactos nas práticas educativas, penetrando num meio muito sutil e delicado, inter e transdisciplinar dos estudos da educação e suas interfaces com a cultura, mídias e as práticas educomunicativas<sup>2</sup>, no campo da literacia midiática, colocando à disposição dos educadores e educandos uma multiplicidade de meios para ajudar no processo educativo.

Partimos da percepção de uma necessidade de diálogo entre linguagens e conteúdo das mídias e as práticas educacionais críticas, da escola como mediadora e espaço de leitura crítica e, também, local de produção e endereçamento de respostas às mídias. Sendo a cultura midiática a primeira cultura da criança, o papel da escola é fazer a transição desta para uma cultura elaborada.

---

<sup>2</sup> Educomunicação - Novo campo que trata da inter-relação comunicação/educação como um campo de intervenção social na construção de ecossistemas comunicativos abertos, dialógicos e criativos nos espaços da educação formal e informal.

Através de uma abordagem interdisciplinar integrada este projeto visa ampliar e agregar diferentes áreas de conhecimento, como a educação, a comunicação, a sociologia, para discutir novas formas de abordagem do campo midiático dentro e fora do espaço da educação formal, aproximando a comunidade, lhe dando vez e voz dentro do processo dessa pesquisa.

## **BASE TEÓRICA**

Este artigo leva em consideração o crescimento e reconfiguração tanto dos meios de comunicação, a partir das mudanças tecnológicas sociais e culturais da região, quanto do ensino em comunicação no que diz respeito à sua interface com o campo da educação, reconhecendo a importância dos processos comunicacionais enquanto lugares de conhecimento/saber e da inserção das múltiplas linguagens que perpassam os meios de comunicação no contexto das práticas educativas. Diante deste quadro surge a pergunta: como se dá a relação da cultura midiática dentro do cotidiano escolar?

O campo da *Educomunicação* traz uma luz para compreender como se constitui a literacia midiática<sup>3</sup>, principalmente no âmbito da formação da identidade, do imaginário e da cidadania de crianças e jovens. Para entender esse campo, que aproxima a Comunicação da Educação, é preciso buscar sua fonte numa “teia de teorias que colocam em comum ação dos agentes envolvidos nos dois lados” (Messias, 2011, p. 45). No Campo da Educação, Vygotsky, Freinet, Paulo Freire, nos dão uma base sólida para esse novo tecido em construção. Mas quando passamos o nosso olhar pelo ponto de vista da Comunicação vários aspectos podem ser levantados.

O termo Educomunicação foi cunhado pelo uruguaio Mário Kaplún (1998) quando identifica uma práxis “educativa” de alguns agentes sociais que tramitavam na inter-relação dos campos da Educação e da Educomunicação, uma práxis “educadora”. Estávamos nas décadas de 1960 e 1970, onde os efeitos das discussões lançados pela Escola de Frankfurt deram origem a pensamentos muito semelhantes, tanto na Europa quanto na América Latina.

Guilherme Orozco Gómez (México), Jesús Martín-Barbero (Colômbia), Nestor Garcia Canclini (Argentina) trazem grandes contribuições ao novo campo, mas no Brasil a principal referência é o professor Ismar de Oliveira Soares, para ele a Educomunicação é

---

<sup>3</sup> Literacia midiática corresponde ao ato de educar o olhar sobre, com e através do audiovisual e da mídia em geral, incluindo o cinema. Tratando-os como meios pedagógicos, no sentido que a educação midiática ou audiovisual pode ocorrer dentro e fora da escola, através de toda a vida.

O conjunto das ações inerentes ao planejamento, implementação e avaliação de processos, programas e produtos destinados a criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos presenciais ou virtuais, tais como escolas, centros culturais, emissoras de TV e de rádio educativas, centros produtores de materiais educativos analógico e digitais, centros de coordenação de educação e outros. (Soares, 2002)

No Brasil, entendemos que a Educomunicação atua em sete áreas específicas (Soares, 2014), sendo elas: Gestão da Comunicação nos Espaços Educativos; Educação para a Comunicação; Mediação Tecnológica nas práticas educativas; Expressão Comunicativa Através das Artes; Pedagogia da Comunicação; Reflexão Epistemológica; Produção Midiática. Dessa forma, situamos nossa reflexão nas áreas de Gestão Comunicativa dos Processos e da Mediação Tecnológica nas práticas educativas, que se encaixam mais na metodologia de intervenção prática da disciplina situada no âmbito da Educação Formal.

Sabemos também que é muito forte o impacto das tecnologias de informação e comunicação em todos os setores da sociedade, tornando-se cada vez mais necessário a observação e análise dos efeitos da mídia, principalmente no processo de socialização das crianças e jovens, categorias muito mais vulneráveis aos seus discursos.

Nesta perspectiva, traremos nosso olhar para a relação entre a mídia e a tecnologia no processo de aprendizagem e o papel da escola na sua adaptação para uma educação 3.0, para uma sociedade 3.0 da sociedade da informação e na educação dos nativos digitais. Hoje os ambientes de aprendizagem vão muito além dos muros da escola, o conhecimento é construído dentro e fora do ambiente escolar e ao longo da vida e a indústria criativa investe cada vez mais no segmento infantil, criando, produzindo e distribuindo bens simbólicos para um consumo cada vez mais voraz dos nativos digitais.

Segundo Jonassen e Rohrer (citado em Ramos, 2005, p. 5), se aprende diante de uma situação interessante, emergente de contextos reais e relevantes onde se vê a oportunidade e a necessidade de manipular as múltiplas perspectivas do problema e assim, compreender a complexidade inerente ao domínio do conhecimento, desenvolvendo a sua flexibilidade cognitiva, de modo que as novas experiências façam sentido transformando a informação em conhecimento como resultado do seu próprio esforço.

Segundo Ramos (2005), os avanços nas teorias da aprendizagem salientam sua vertente de atividade social; sugerem que o conhecimento é

socialmente construído através de um processo de negociação e interação com outros e com a sua compreensão dos fatos. Assim, a exposição a diferentes pontos de vista torna a aprendizagem mais rica que a exposição a uma visão única, a do professor.

Segundo Baccega (2003), se queremos formar cidadãos críticos, temos que nos preocupar com as relações destes cidadãos com os meios educadores para que possamos selecionar a partir do que nos chega editado, o meio adequado para a elaboração do novo, estabelecer as inter-relações entre os fatos apresentados e desenvolver o raciocínio crítico.

Desde que McLuhan lançou sua famosa frase “o meio é a mensagem” muitos especialistas têm procurado compreender como e o que se aprende com a mídia. Segundo Maria Luiza Belloni (2005, p. 52), “os jovens em sua maioria, consideram que aprenderam algo importante e sério pela televisão. Para eles a telinha tem uma legitimidade, como fonte de saber, semelhante à da escola”. Da mesma forma as crianças vão incorporando as imagens e os modelos transmitidos pela TV. Nesse contexto, a escola tem um papel muito importante na produção de conhecimento, ajudando a transformar a informação, editada e fragmentada, dos meios de comunicação em conhecimento e pensamento crítico

Para Lucia Santaella (2003), o século XXI deverá ser lembrado no futuro como a entrada dos meios de comunicação na era digital. Surge uma indústria multimídia unificada, grandes redes de comunicação e informação, formando um território abstrato, um território virtual, o ciberespaço, onde a comunidade ciberespacial cresce anarquicamente, uma sociedade informacional e comunicativa que dá suporte a essa revolução digital.

Antes mesmo de aprendermos a falar, ler e escrever já assistimos TV, transformando-a no principal agente educador e formador de opinião, causando sérias implicações no funcionamento de toda a sociedade. Para Edna Pacheco (1998) é preciso dar espaço para a criança criar, imaginar estabelecendo um elo entre as informações recebidas com a sua vida cotidiana através de um espaço lúdico.

O homem da era digital tem uma quantidade absurda de informações para serem absorvidas, informações fragmentadas para processar, entender e transformar.

Francisco Gutiérrez (1978) em sua teoria da pedagogia da linguagem total diz que: os alunos estão sempre querendo saciar sua fome de estímulos, sensações e percepções, sentem a necessidade de aprender sensorialmente, estão inclinados a captar globalmente, a conexão das imagens, das sensações e dos sons, sem necessidade de recorrer ao processo de

análise-síntese. Já Rubem Alves (2004) trata a questão do prazer na escola, do prazer em aprender. Um prazer que a escola se distancia e a televisão se apropria.

Mas é Paulo Freire (1996) com sua contribuição à teoria dialética do conhecimento, quem enfatiza que a melhor maneira de refletir é pensar a prática e retornar a ela para transformá-la. Para ele a conscientização, através da educação, forma a autonomia intelectual do cidadão para intervir sobre a realidade, transformando a educação em um ato político que não é neutro.

Se hoje a escola divide seu espaço de educadora com a mídia, se faz também necessário estimular a leitura crítica para que as crianças e os jovens possam compreender qual o contexto social que estão envolvidos e tentar transformar a informação fragmentada recebida em conhecimento crítico da sociedade.

## **CULTURA MIDIÁTICA E MEDIAÇÕES NO ESPAÇO ESCOLAR**

Existe uma necessidade de diálogo entre linguagens e conteúdos das mídias e as práticas educacionais. Através da teoria das mediações poderemos chegar a uma educação escolar participativa e atenta ao lugar que a mídia ocupa em nosso contexto cultural contemporâneo. Ao trabalhar a leitura crítica da mídia na escola temos que indagar sobre as condições de produção, os códigos de linguagem, questões ideológicas, aspectos de recepção.

Encaramos a escola como mediadora e espaço de leitura e recepção crítica e também como local de produção e endereçamento de respostas às mídias. De acordo com Citelli

A escola, enquanto instituição privilegiada no contexto da formação da sociabilidade, deve otimizar o seu papel, *ampliando o conceito de leitura e de aprendizagem*, equipando-se para entender melhor os significados e os mecanismos de ação das novas linguagens, interferindo para tratar as mensagens veiculadas pelos meios de comunicação de massa à luz do conceito de produção dos sentidos, algo que se elabora por uma série de mediações e segundo lugares específicos de constituição, que incluem interesses de grupos, valores de classes, simulacros, máscaras etc. (Citelli, 2004, p. 34)

Se faz então cada vez mais necessário ampliar a discussão sobre o tema para que se possa cada vez mais entender e criticar a televisão transformando este poderoso veículo de comunicação em mais um aliado.

### EDUCAÇÃO 3.0

Hoje, a educação passa a ser uma necessidade do capital e a maneira de como ela for conduzida pode fazer a diferença no desenvolvimento de um país, desenvolvendo alguns setores econômicos, tornando-o de fato sustentável.

O modelo atual da escola é do século XIX, onde todos aprendem a mesma coisa, como numa linha de montagem, como no modo de produção da fase industrial; o professor é do século XX, onde ainda se faz muito uso das ferramentas mecânicas, fazendo as mesmas coisas todos os dias; e os alunos são do século XXI, de uma sociedade que valoriza as ferramentas digitais numa escola que proporciona pouca conexão com o mundo que vivemos, uma época onde impera uma indústria flexível, uma indústria criativa que requer habilidades e talentos individuais. Por isso se faz necessário atualizar as práticas de ensino.

Segundo Jim Lengel (2015) a escola ideal tem de entender as necessidades da criança, evitar o excesso de conteúdo e trabalhar com grupos interativos, onde uma criança explica para outra efetuando uma mudança na sua relação com a tecnologia; tem que ousar no currículo, na metodologia, no modo de compreender as possibilidades de uma nova escola para esta nova realidade.

O documentário *Do giz ao tablet* (Santo Caos, 2015) também se propõe a provocar uma reflexão sobre o novo papel da escola, sua conexão com o mundo, o acesso à informação e os novos paradigmas da tecnologia na educação. Onde o papel do professor se desloca para uma função de um provocador de perguntas, de questionamentos, curiosidades, pois para a criança toda a hora é hora de aprender, desde que elas tenham interesse no aprendizado.

As novas gerações, consomem informação e tecnologia de um modo muito diferente da dos seus pais e professores, há uma diferença abismal entre elas, pois aconteceu uma mudança profunda nas relações de poder e nem todo o mundo precisa aprender a mesma coisa. O produto escola é um produto vivo, e para sobreviver a este novo modo de produção flexível não basta introduzir o uso das tecnologias, a escola tem de mudar e se adequar e este novo modo de viver e de aprender, compreender o novo perfil dos seus alunos para poder contribuir para a construção de uma sociedade sustentável e inclusiva.

## DESENVOLVIMENTO

A base da disciplina Comunicação nos Espaços de Educação Formal começou a partir da percepção de que o tema tem ganhado rapidamente novos espaços. Desde 2011, por exemplo, há convites para discutir o tema Mídias e Educação Infantil (Almeida, 2011) e seus desdobramentos na Unidade Acadêmica de Educação Infantil, da UFGC. As palestras fazem parte da semana pedagógica da UAEI gerando muita discussão e interesse em aprofundar o tema entre pais e educadores. A partir destas palestras, recebemos convites para participar do planejamento pedagógico, orientando os professores a utilizarem a comunicação como recurso pedagógico, no formato de oficinas. Com o tempo, abrimos a discussão para palestras sobre *mídia, criança e consumo* para os pais dos alunos da escola. De então para cá muitos alunos da disciplina Comunicação nos Espaços de Educação Formal têm realizado projetos pedagógicos de intervenção educacional aplicada com as crianças da escola, tendo grande aceitação.

Percebemos que existe uma necessidade desta discussão devido a um despreparo dos professores para lidarem com a interface educação/comunicação nas escolas públicas e privadas. Os cursos de pedagogia não oferecem nenhuma disciplina que trate do tema. No entanto, a discussão está cada vez mais presente em congressos, encontros e simpósios, bem como em um aumento significativo de publicações de livros, artigos e *blogs*. Os pais, por sua vez, também não estão preparados para lidar com a relação mídia-criança-consumo.

## PLANEJAMENTO BÁSICO DA DISCIPLINA

O objetivo geral da disciplina Comunicação nos Espaços de Comunicação Formal visa mapear as práticas educacionais que estão sendo desenvolvidas em ambientes educativos tais como escolas, entre outras instituições que lidam com a educação formal. Já os objetivos específicos visam explorar o potencial das tecnologias e da comunicação na aprendizagem, planejar e elaborar estratégias de integração dos meios de comunicação e mapear as práticas educacionais.

O conteúdo programático abrange, na primeira unidade, os novos modos de conhecer, centra-se na linguagem radiofônica, no rádio na escola (através do projeto Educomradio produzido pela NCE na USP) e na adaptação da linguagem impressa para a linguagem radiofônica.

Na segunda unidade nos centramos na linguagem audiovisual, discutimos sobre o discurso publicitário no contexto escolar, sobre o cinema e a educação, o desenho animado e a educação, a televisão e educação.

Na terceira unidade nos centramos na linguagem dos jogos, Internet e EAD, discutindo sobre a sociedade da informação, jogos e educação, informática e educação / EAD, e o RPG na escola. Em todas as unidades mapeamos as práticas educacionais, no assessoramento a professores, e no planejamento e elaboração de estratégias de integração dos meios de comunicação na escola.

## RESULTADOS OU CONCLUSÕES

Ao final da disciplina os alunos obtêm uma experiência intensa na relação entre a teoria e a práxis, vivenciando algumas das muitas possibilidades da educação e da literacia midiática. A partir dos temas discutidos em sala de aula eles desenvolvem uma prática de intervenção educacional em escolas de educação formal, tendo contato com diversos atores sociais, como diretores, coordenadores, professores e alunos e têm a oportunidade de pôr em prática o conhecimento adquirido vendo os resultados imediatos da prática educacional, transformando a realidade e desenvolvendo o raciocínio crítico deles e daqueles impactados pela sua ação.

Desde 2010, já foram realizados mais de 150 projetos de intervenção dos alunos da disciplina de Comunicação nos Espaços de Educação Formal do curso de Comunicação Social da UFGC, com linha de formação em Educação. Cerca de 200 alunos estiveram envolvidos em intervenções educacionais em diversas escolas da Paraíba, desenvolvendo o seu potencial crítico e transformador e, ao mesmo tempo, transformando os ecossistemas em que atuavam.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, R. (2011, setembro). *O Vídeo na Educação Infantil: Os Impactos do Uso do Vídeo nas Práticas Educativas*. Comunicação publicada nos Anais e apresentada no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Recife, PE. Acedido em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2687-1.pdf>
- Alves, R. (2004). *A escola com que sempre sonhei sem imaginar que pudesse existir*. Campinas, São Paulo: Ed Papyrus.
- Baccega, A. M. (2003). *Televisão e escola: uma mediação possível*. São Paulo: Editora Senac.

- Belloni, M. L. (2005). *O que é Mídia-Educação*. Campinas, São Paulo: Autores Associados.
- Citelli, A. (2004). *Comunicação e educação*. São Paulo: Senac.
- Freire, P. (1996) *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Gutiérrez, F. (1978). *Linguagem total: uma pedagogia dos meios de comunicação*. São Paulo, Summus..
- Kaplún, M. (1998). *Una pedagogia de la comunicación*. Madrid: Ediciones de la Torre.
- Messias, C. (2011). *Dois décadas de educomunicação - da crítica ao espetáculo*. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo. Recuperado em 2015-08-06, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-24032012-102952/>
- Pacheco, E. (1998). *Televisão, criança, imaginário e educação*. São Paulo. Ed. Papyrus.
- Ramos, M. A. (2005). *Crianças, Tecnologias e Aprendizagem: contributo para uma teoria substantiva*. In B. D. Silva & L. S. Almeida (Coord.), *Actas do VIII Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia* (pp. 3709-3724). Braga: CIED. Acedido em <http://hdl.handle.net/1822/33825>
- Santaella, L. (2003). *Cultura das mídias*. São Paulo: Ed. Experimento.
- Soares, I. (2002). *Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação*. *Comunicação & Educação*, 23, 16-25. doi: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-9125.voi23p16-25>
- Soares, I. O. (2014). *Comunicação/Educação: emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais*. Acedido em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/140.pdf>

## **OUTRAS REFERÊNCIAS ONLINE**

- Lengel, J. (2015). *Princípios da Educação 3.0* [Post em site]. Acedido em <http://www.inovaeduca.com.br/opinioao-jim-lengel.asp>

## **RECURSOS AUDIOVISUAIS**

Santo Caos. (2015). *Do Giz ao Tablet: por que a tecnologia não revolucionou a educação*. Acedido em <https://www.youtube.com/watch?v=ozpEMQ5niUA>